

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO V Nº 20 VIANA-MA, MAIO DE 2008



VIANA
250
ANOS
DE
MEMÓRIA

Editorial

HOMENAGEM REPARADORA

O fórum eleitoral da 20ª Zona e Comarca de Viana, que será inaugurado em maio deste ano, receberá o nome de Astolfo Serra. É a primeira homenagem que esse vianense receberá em sua terra natal.

Astolfo Henrique de Barros Serra nasceu em 22 de abril de 1900. Foi poeta, jornalista, padre e escritor. Ocupou vários cargos públicos no Estado do Maranhão, culminando com a sua nomeação para a função de interventor, em 1931. Pertencia à Academia Maranhense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. É patrono da Cadeira nº 3, da nossa Academia Vianense de Letras, ocupada por Heitor Piedade Júnior.

Depois que abandonou o sacerdócio, Astolfo Serra continuou sua vida agitada de político e jornalista, chegando a ser nomeado ministro do Tribunal Superior do Trabalho.

Astolfo Serra deixou várias obras publicadas, dentre as quais destacam-se: *A Balaiada*, *Gleba que canta*, *A vida simples de um professor de aldeia* e *Terra enfeitada e rica*.

Recentemente o Instituto GEIA republicou *A Balaiada*, trabalho de pesquisa que dignificou o nome de Astolfo Serra como historiador respeitado em todo o Brasil. Essa obra é de especial importância para Viana, pois nela o autor faz profunda análise da vida de Estêvão Carvalho e da influência que esse vianense teve no desencadeamento da Balaiada.

Até a presente data não havia, em Viana, nenhuma homenagem a este filho tão ilustre. Igual a essa, outras reparações se impõem, como a Manuel Lopes da Cunha, que também foi governador do estado e a seu filho, Raimundo Lopes da Cunha. Este último só tem um pedaço de rua em seu nome, conhecido apenas por seus moradores na hora de pôr o endereço nas correspondências.

Astolfo Serra faleceu, no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1978. Em 2005, sua nora Isis Müller Serra lançou o romance *Meu padre, meu amor*, em que retrata, através do personagem Adolfo (nome fictício) a vida amorosa, política e revolucionária do autor de *Gleba que canta*.

A vida destemida de Astolfo Serra é um exemplo de autenticidade para os vianenses. Político ardoroso, não tergiversou em nenhum momento com suas idéias revolucionárias. Orador vibrante, inflamava as massas com sua eloquência e suas idéias.

A história de Viana é cheia desses belos exemplos de competência e idealismo. A geração jovem desta terra tem exemplos e mais exemplos a seguir, sem sair de sua aldeia. Basta olhar para sua história.

VILA CRISTO REI

LUIZ ALEXANDRE

Neste ponto privilegiado, na confluência de duas das ruas mais movimentadas do antigo centro comercial da cidade, situava-se a residência do tabelião e Coronel Ulisses Leopoldino Rodrigues, líder político filiado ao Partido do "Pau Roxo" e pai de um dos mais afamados advogados provisionados de Viana e do Maranhão, Manoel Trajano Rodrigues.

Mais de uma década após o falecimento do antigo proprietário, ocorrido em 1927, o imóvel foi adquirido pelo casal José de Oliveira Gomes e Raquima Ribamar da Silva Azevedo Gomes numa transação complicada por envolver interesses múltiplos de grande número de herdeiros (segundo Travassos Furtado, o eminente Coronel Ulisses deixou um total de 21 filhos e 79 netos).

Em 1941, o Sr. José de Oliveira Gomes tomou posse definitiva do casarão, mudando-se com a família e fazendo funcionar ali um comércio varejista. Quatro anos depois, com a morte também do novo proprietário, não demorou muito para que o ponto fosse alugado para a filial vianense das "Casas Pernambucanas".

Por já apresentar visível deterioração, em 1954, os proprietários decidiram demolir completamente o velho imóvel e construir uma nova casa (concluída dois anos depois), mantendo-se o mesmo estilo colonial. Embora nenhum deles tenha nascido ali, a casa tornar-se-ia o lar de referência para todos os filhos do casal José e Raquima (por ordem de nascimento: Walber, Walter, Ma-

ria Antonia, Nair, Mariana, Antonio, Belarmino, Francisco Xavier e Getúlio Tadeu). O mais interessante, entretanto, da história deste prédio é a origem do nome "Vila Cristo Rei."

Devota fervorosa de Jesus Cristo, a matriarca da família encontrava-se no quintal da residência, certo dia, dando água para duas vacas ao lado do poço. No afã de matar a sede no pequeno balde, os dois animais acabaram provocando um acidente que, por pouco, não se transformou em tragédia: na disputa pela água uma das vacas bateu com as costelas em D. Raquima, jogando-a dentro do poço. O cachorro de nome "Danúbio", única testemunha do acidente, foi quem deu o alarme e atraiu a atenção da família com

seus latidos desesperados em volta do local.

Ao escapar milagrosamente da queda e ser retirada do poço, D. Raquima saiu louvando e dando vivas a Cristo Rei. Assim, a família decidiu mandar gravar na fachada da casa o nome de "Vila Cristo Rei".

Atualmente, a casa é ocupada por Getúlio Tadeu Gomes que procura preservar com carinho este raro e belo exemplar da antiga fisionomia da cidade. Getúlio e seus irmãos são cientes de que a "Vila Cristo Rei" (como tantos outros imóveis coloniais que aqui existiram, mas que infelizmente sucumbiram por irresponsabilidade de seus herdeiros), guarda fatos importantes não apenas de sua família, como inclusive da memória coletiva de Viana.



LOURIVAL SEREJO LANÇA NOVO LIVRO

Para registrar sua experiência por mais de 15 anos em uma vara de família, o desembargador Lourival Serejo lançou seu livro *A FAMÍLIA PARTIDA AO MEIO*, em que relata os fatos e os dramas que chegam aos juízos de família em busca de uma solução.

O livro, que traz o prefácio da psicanalista Gisele Groeninga, de São Paulo, é uma análise sociológica e psicossocial da família que se dividiu pelo fim do casamento e do afeto, refletindo assim nos filhos que ficam privados da presença dos pais.



POSSE DE NOVA ACADÊMICA

Às 20 horas do próximo dia 24 (sábado), durante reunião solene da AVL a realizar-se na Igreja Matriz, tomará posse na Cadeira nº 27, a professora e Engenheira Agrônoma Maria da Graça Mendonça Cutrim.

Em seu discurso de posse, a nova acadêmica fará o elogio à sua patrona professora Josefina Cordeiro Cutrim (falecida no ano passado), que fez de sua vida uma dedicação constante ao magistério vianense.

Ex-diretora da Escola Normal, onde também lecionou por quase duas décadas consecutivas, a professora Graça Cutrim espera contar com a presença de todos os amigos, colegas do magistério e da Casa da Agricultura, ex-alunos e da comunidade em geral.

Após a cerimônia de posse, haverá apresentação de um recital do cantor Tadeu Carvalho, um dos tenores mais conceituados do meio artístico maranhense.

Carta recebida

São Luís, 26 de abril de 2008.

Luiz, caro amigo,

É sempre com esperança de boas notícias que recebo o Renascer Vianense. Mas, infelizmente este (nº 19) deixou-me triste, pois se constata que nossa sociedade, os administradores e legisladores de nossa querida Viana não têm compromisso ou mesmo consciência da importância de preservá-la como cidade tombada pelo valor histórico que ela é para o nosso Estado e, sobretudo, como um ambiente que precisa ser preservado para garantir a vida de seus habitantes. A decepção de Ivane Furtado, em sua carta na edição do Renascer de fevereiro passado, descreve uma cidade em ruínas.

Também eu, cada vez que retorno, volto com a sensação de uma cidade agonizante, uma cidade que já perdeu toda vegetação que a contornava, como a mata do Quebra-Coco, as araribeiras do velho areal etc...

Agora para acelerar o ritmo dessa agonia, asfaltam-se ruas do centro histórico, constroem-se prédios que agredem a sua arquitetura original sem nenhum respeito à lei, alterando-se uma área tombada de forma criminosa, como foi o caso da construção do TRE.

Não posso ficar calada e nem tão pouco ignorar a falta de consciência de nosso povo, como se tudo fosse apenas responsabilidade dos poderes constituídos. Em 1988 (era Coordenadora de Desenvolvimento do Patrimônio Cultural Histórico e Artístico do Estado), senti orgulho ao despachar o processo de tombamento de nossa Viana como cidade histórica, pois naquele momento acreditava estar contribuindo com um documento para que nossa terra, por força de LEI fosse protegida e assim evitada a sua predação.

Vinte anos depois, ao invés de estarmos comemorando, estamos lamentando as ruínas, consequência de seu abandono pelos poderes constituídos e pela indiferença de um povo que, atualmente, parece ignorar também a sua própria responsabilidade diante da sua casa maior: a cidade, permitindo e ajudando a “enterrar” sua própria história.

A propósito, por onde anda o Comitê de Defesa do Patrimônio vianense? Não havia sido reativado? Por que não aproveitam a passagem dos 20 anos do tombamento para ministrarem palestras e oficinas nas escolas, entidades e associações comunitárias?

Espero através desta sensibilizar a todos aqueles que, como cidadãos vianenses, têm o direito e dever de reivindicar junto às autoridades competentes providências para a preservação de nossa Viana.

Maria de Jesus Azevedo
Bezerra Meireles
Pedagoga

Padre Antônio Vieira e o Maranhão

João Mendonça Cordeiro

Padre Antônio Vieira, a personalidade luso-brasileira do século XVII, cujo quarto centenário de nascimento se comemora neste ano, nasceu em Lisboa (Portugal), em 6 de fevereiro de 1608 e, aos sete anos, mudou-se para o Brasil com a família, pois o pai fora nomeado Escrivão da Relação da Bahia. Em Salvador, estudou no Colégio dos Jesuítas, tornando-se, também, jesuíta, em dezembro de 1635, aos 27 anos de idade.

O padre Antônio Vieira passou pelo Maranhão, qual meteoro, durante apenas 8 dos seus 89 anos de existência, mas ficaram indelévels as marcas de sua presença, entre nós, como orador, diplomata e administrador.

Em São Luís, nas igrejas de Santo Antônio (Capela de Bom Jesus dos Navegantes), de Nossa Senhora da Luz (atual Sé), de Nossa Senhora do Carmo, no Convento das Mercês e no Colégio dos Jesuítas, proferiu 17 sermões, dos quais alguns se celebrizaram como o de Santo Antônio, conhecido como “Sermão aos Peixes” e da Quinta Dominga da Quaresma de 1654, quando lembrou:

“Que letra tocaria ao Maranhão? Não há dúvida que o M: M, Maranhão, M, murmurar, M, motejar, M, maldizer, M, malsinar, M, mexericar e sobretudo M, mentir: mentir com as palavras, mentir com

as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mentem”.

Como diplomata, viajou a Lisboa para denunciar os maus tratos que sofriam os nossos indígenas, conseguindo na Corte Portuguesa a liberdade para os mesmos e que ficassem sob a jurisdição exclusiva dos jesuítas, em aldeias, também denominadas missões.

Como administrador, preocupou-se com a solução de três problemas fundamentais do Maranhão: 1º com a saúde, distribuindo aos enfermos remédios que trouxera, pois ainda não havia médico em São Luís; 2º com a educação, transformando as missões jesuíticas em centros de ensino múltiplo, nas quais ensinava-se leitura, escrita, cálculo, letras e artes, assim como variados ofícios (tecelagem, carpintaria, ferraria e tanoaria), além de conhecimentos agro-pecuários; 3º com a economia, fundando missões como a de Capitã, nas cabeceiras do Rio Pindaré, depois transferida, com sucesso, para o Maracu, onde foi denominada Aldeia de Nossa Senhora da Conceição do Maracu e, mais tarde, elevada à categoria de Vila com o nome de Viana.

Vale ressaltar a fundação, em 1653, do Hospital da Santa Casa de Misericórdia pelo padre Antônio Vieira e de sua atuação como Superior do Colégio da Companhia de Jesus. Em pouco tempo, o colégio apresentar-se-ia como verdadeira universidade, ofertando cursos de Hu-

manidades, Filosofia, e Teologia. Em 1709, a instituição chegou a conceder graus de bacharelato, licenciatura e doutorado.

Em uma de suas admiráveis cartas, o religioso registrou uma informação surpreendente: “Sei a língua do Maranhão e a portuguesa”. Que idioma seria esse? Já seria a “maranhensidade”? Como as suas homilias, em São Luís, deveriam ser dirigidas a um público seletivo da população local, o padre Vieira certamente usava uma linguagem apropriada ao entendimento do auditório, quem sabe, mesclada com termos indígenas ainda hoje comuns em nossa comunicação.

A relação do padre Antônio Vieira com o que ele mesmo chamava “meu desejado Maranhão” era dialética, no sentido exposto pelo filósofo alemão Hegel: de antítese, de recriminação, de contradição à situação reinante de desmandos, mentiras, ociosidade e politicagem que condenava, de todos os modos, nas ácidas palavras de seus sermões e cartas.

Coerente com suas palavras, todo o seu empenho e apostolado estavam sempre voltados para a busca de uma melhoria, da síntese que pudesse reunir um Maranhão honesto, trabalhador, temente a Deus, justo, livre e verdadeiro.

Enfim, como ressalta Jomar Moraes: “Vieira era o *Paiacu* (padre grande) dos indígenas que lhe tinham verdadeira adoração”.

CONHECENDO OS SÍMBOLOS E

MONUMENTOS DE NOSSA CIDADE

Bloco de pedra do cruzeiro da Matriz

O cruzeiro situado em frente à Igreja Matriz ostenta um importante símbolo do período da colonização jesuítica na antiqüíssima Aldeia de Maracu. Trata-se do bloco de granito, no qual se encontra gravado um círculo dentado em forma de escudo, tendo no centro, encimado por uma cruz, as letras IHS.

Ao longo do tempo, as pessoas passaram a “traduzir” aquelas letras como sendo as iniciais da expressão “Jesus Hóstia Sagrada”. Na verdade, a inscrição vem do latim e significa *Iesus Hominum Salvator*, que quer dizer “Jesus Salvador do Mundo”.

Este bloco de pedra, antes encravado na antiga fachada da Igreja Matriz, foi arrancado durante uma das desfigurações sofridas pelo templo na primeira metade do século passado. Segundo Ozimo de Carvalho, o bloco só não se perdeu “por causa do amor de Antônio Lopes pelas coisas de sua terra”, conseguindo o renomado professor e intelectual vianense que o bloco fosse embutido na base do cruzeiro (conforme matéria intitulada *Nos primórdios de Viana*, publicada em 8/7/1957, pelo jornal “Cidade de Pinheiro”, edição comemorativa do bicentário de Viana).

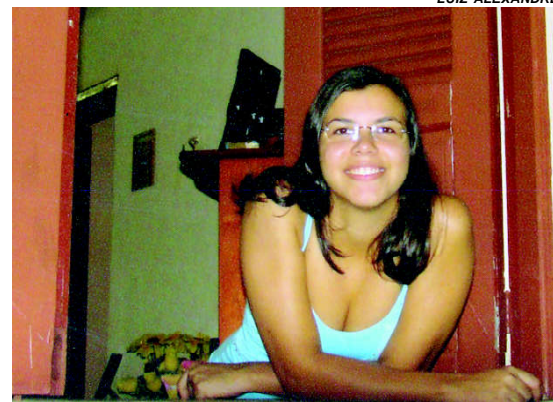
De grande significado para a memória desta cidade e hoje um dos raros (e por isso preciosos) símbolos de nosso passado, é importante que a população vianense nos conheça o valor histórico deste pequeno monumento, a fim de que sua preservação se torne garantida.

LUIZ ALEXANDRE



POLLYANNA - 25 anos

LUIZ ALEXANDRE



Filha de Raimundo Antonio Mendonça (Catu) e Iracema Gouveia Mendonça, Pollyanna Gouveia Mendonça comemorou a passagem de seus 25 anos, no último 18 de março, com uma novena rezada ao lado dos parentes e amigos mais chegados.

O local escolhido não poderia ter sido mais condizente com um costume católico tão antigo: o velho casarão que até o final do século XIX era denominado “Solar dos Lopes da Cunha” (posteriormente, já no século XX, tornou-se mais conhecido como residência do Sr. Benedito Gomes e sua esposa, D. Maroca Cunha).

Presentes ao ato, além da mãe, tios e avó da aniversariante, D. Maria do Socorro Fernandes Gouveia (84 anos), estavam também o Sr. José Soeiro e sua filha, Lucia Soeiro, D. Terezinha e Dirce Costa, Tatiana Carvalho e a professora Socorro Serejo Cutrim.

Pollyanna é graduada em História pela UFMA e concluiu ano passado, no Rio de Janeiro, o mestrado pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, além de lecionar nos cursos de História ofertados pelo PQD (Programa de Qualificação de Docentes da UEMA), em várias cidades do interior maranhense, a jovem historiadora encontra-se em fase de pesquisa para a tese que lhe dará o grau de “Doutora em História” pela mesma instituição universitária fluminense. Tal pesquisa, inclusive, requer uma viagem a Portugal (programada para outubro próximo), onde deverá permanecer por alguns meses.

Para uma cidade centenária como Viana e tão carente de pesquisadores devidamente qualificados, Pollyanna certamente representa uma grata e promissora esperança entre a nova geração de vianenses.

PREFEITURA APRESENTA PROJETOS E OBRAS

O prefeito Rilva Luís apresenta, à coletividade vianense, as principais obras que estão sendo executadas, os projetos já aprovados e, finalmente, aqueles que se encontram em fase de aprovação.

Neste final de gestão, o bairro da Piçarreira tornou-se um dos pólos de especial atenção do poder municipal. Por abrigar centenas de famílias de baixa renda, a Prefeitura de Viana conseguiu incluir o referido bairro no projeto de urbanização de assentamento precário do Ministério das Cidades, angariando um investimento no valor de R\$2.000.000,00 (dois milhões de reais), os quais serão utilizados em obras e melhorias urbanísticas (a prefeitura entra com 5% do valor de cada obra).

Dessa forma, pelos próximos meses, a Piçarreira será transformada num grande canteiro de obras com a construção de 113 casas populares (a empresa vencedora da concorrência já deu início à construção de 30 casas), substituição da rede de energia elétrica danificada e pavimentação asfáltica das vias públicas, incluindo a construção de meio-fios e sarjetas.

Vale ressaltar que 2% do valor do investimento total será aplicado no social, através de cursos de artesanato, produção de cerâmica, empreendedorismo social, cooperativismo entre os beneficiários etc. A Prefeitura, que já apresentou outro projeto para construção e melhoria de mais 100 unidades habitacionais no mesmo bairro, irá conceder também os títulos definitivos de posse aos novos proprietários.

No bairro da Cital serão construídas 90 melhorias sanitárias domiciliares (banheiros com vaso e chuveiro) em casas previamente selecionadas pela Fundação Nacional de Saúde – Funasa. Até o momento, já foram construídas e entregues à comunidade 50 dessas melhorias sanitárias.

É importante esclarecer ainda que todas as obras em parceria com a Caixa Econômica Federal (construção de casas, pavimentação, melhorias na rede elétrica etc) somente têm seus recursos repassados mediante medição, realizada por funcionários da própria caixa. Os custos da construção são todos bancados pela empresa vencedora e com a contrapartida da prefeitura municipal, conforme apresentado no projeto de engenharia.

Melhor abastecimento d'água – Até o final de junho vindouro, conforme informação prestada pela assessoria da Prefeitura de Viana, estarão sendo iniciadas as obras de construção de um novo sistema de tratamento d'água no SAAE e um novo sistema de captação no Igarapé do Engenho. A segunda etapa deste projeto – já em fase de aprovação e empenho junto à Funasa, de acordo com Benito Coelho – engloba a construção de uma nova adutora de água tratada e uma caixa d'água com capacidade de dois milhões e quatrocentos mil litros na Piçarreira (ponto mais alto do perímetro urbano, o que facilitaria a pressão e vazão d'água para toda a cidade), para atender a demanda atual da população.



Casas populares em fase de acabamento no bairro da Piçarreira.



Rua sendo calçada na Vila Zizi.



O ginásio de esportes, na Baixa dos Carvalhos, ganhou nova pintura e melhorias internas.



Escola da zona rural situada no Povoado dos Baías.

O novo matadouro – Um dos problemas cruciais da população deverá igualmente ser resolvido com a construção de um novo matadouro numa área já escolhida de cinco hectares, situada nas proximidades do Bacurizeiro.

Selecionado pelo Ministério da Agricultura, o projeto, depois de apresentado seu plano de trabalho junto à Caixa Econômica, aguarda autorização para entrega da documentação completa.

Benfeitorias diversas – A Vila Zizi também ganha novo visual com o calçamento de algumas artérias e a Rua dos Amores (atrás do SAAE) igualmente recebe o calçamento de pedras. Outras 29 casas populares estão sendo construídas em bairros distintos, no intuito de melhor atender à faixa de baixa renda.

Um outro projeto já aprovado e empenhado refere-se à pavimentação asfáltica dos bairros Santa Eulália, Caic, Enseada do Belo, Careca, algumas ruas do Vinagre, Vila Zizi, Cital, Mutirão e parte da estrada das Colhereiras.

Entre os projetos aprovados encontram-se ainda a construção de um terminal rodoviário no final da Av. Jorge Abraão Duailibe (que visa atender os passageiros vindos da zona rural e diminuir o fluxo de veículos na Barra do Sol) e a construção de mais 57 melhorias sanitárias no povoado do Prequeú.

Em fase de aprovação – aguardando o sinal verde dos respectivos Ministérios ou Secretarias, encontram-se os seguintes projetos:

- Construção de uma praça de eventos e urbanização da Av. Luiz de Almeida Couto.
- Urbanização da área do Poço do Pará (local de grande significado para a história de Viana).
- Construção de dois postos de saúde em povoados da zona rural.
- Construção de 38 casas populares no bairro da Vila 44 (atrás do bairro Mutirão).

Outras obras realizadas com recursos próprios da prefeitura de Viana são a Escola Municipal Pascoal Possidônio Gomes (já inaugurado no Povoado dos Baías) e o Ginásio Poliesportivo que está sendo reformado e muito em breve será entregue aos amantes do esporte em nosso município.

LUIZ ALEXANDRE RAPOSO

Situado à margem leste do lago de Maracaçumé, distante cerca de 50 quilômetros de Viana, o povoado de São Cristóvão já se tornou alvo de pesquisas por parte de antropólogos (inclusive estrangeiros, como foi o caso da suíça, Sandra Carmen Re, que morou no povoado por mais de dois anos), sociólogos e estudiosos de áreas afins.

O povoamento da localidade teve origem no engenho de açúcar de propriedade do Sr. Mariano Sousa e no núcleo de 100 escravos que ali trabalhavam no plantio da cana e na fabricação do açúcar mascavo e aguardente. Com a assinatura da lei áurea, em 1888, o proprietário do engenho faliu e se mudou para Viana, abandonando a Casa Grande, a qual ficaria desabitada por longo tempo.

Depois de conquistarem a liberdade, mas isolados naquele distante lugarejo, os negros passaram a viver do cultivo da terra e da abundante caça e pesca, ofertadas pela natureza generosa da região. Oriundos em sua grande maioria da Guiné, os integrantes da nova comunidade conseguiram manter seus ritos religiosos e seus mais originais costumes por muitas e muitas décadas.

Segundo pesquisa feita pelo Sr. José Soeiro e publicada recentemente no livro “Viana te amarei por toda a vida”, as terras de São Cristóvão foram compradas, em 1906, por alguns ex-escravos e registradas no Cartório do tabelião Ulisses Leopoldino Rodrigues, em Viana.

O Dr. Sálvio Mendonça, neto do antigo senhor de engenho, no livro de memórias “História de um Menino Pobre”, relata seu contato direto com a coletividade de São Cristóvão, acontecido no ano de 1902, quando tinha apenas 10 anos de idade. O então garoto foi levado pela tia e madrinha Antonina que, por questões econômicas, resolvera deixar Viana para morar na Casa Grande abandonada em companhia do marido, João Araújo.

Essa interessante experiência renderia marcantes lembranças ao futuro médico e cientista, como é fácil de perceber pelas várias páginas de suas memórias dedicadas à cultura singular de São Cristóvão (a título de sugestão, vale a leitura dos capítulos XII, XIII e XIV da citada obra, pela riqueza de detalhes sobre o povoado, o condômbel, a festa do Divino e o Bumba-meu-boi ali realizados no início do século passado).

O Divino Embarcado - Talvez por não possuir a pompa e o glamour do Divino de Alcântara, a também secular e tradicional festa do Divino Embarcado de São Cristóvão permaneça ainda desconhecida do grande público maranhense.

Realizada na quinta-feira em que o catolicismo comemora a Ascensão do Senhor (data móvel, mas que sempre cai entre os meses de maio e junho), quando os lagos estão cheios, a comunidade remanescente do antigo engenho, ao longo dos últimos 150 anos, adaptou os festejos do Divino à geografia local, introduzindo embarcações enfeitadas de bandeirolas coloridas para o transporte da pombinha branca e de seu séquito de caixeiros. Daí, o nome de festa do Divino Embarcado.

O culto à terceira pessoa da Santíssima Trindade começa de véspera, na quarta-feira, iniciando-se o dia com alvorada, missa, transporte do mastro para um lugarejo vizinho e toques de caixa por toda noite. Na quinta, quando convidadas, comissões de caixeiros das cidades e localidades próximas são recebidas pelos organizadores. Ao toque de caixas, cada grupo que chega tem de pedir permissão para participar da festa. Após o almoço, realiza-se a animada procissão lacustre, sob os estampidos constantes dos foguetes. Duas embarcações, diferenciadas pela cor de seus estandartes, seguem na frente: a que leva na proa a bandeira de cor branca transporta a salva com a pombinha e um grupo de caixeiros; no barco de estandarte vermelho segue a coroa do Espírito Santo e um segundo grupo de caixeiros. Todo o percurso sobre as águas é animado pelas cantorias e batidas das caixas.

No vizinho povoado de Prequeú, os integrantes da procissão saltam e se dirigem a uma das casas, sempre ao som das caixas e das toadas tiradas pelas mulheres (os homens atuam como coadjuvantes carregando os estandartes, tocando fogos, transportando o mastro ou conduzindo os barcos). Na porta, os donos da casa visitada recebem a pombinha e a coroa das mãos das crianças e as colocam sobre a mesa da sala.

Durante o resto da tarde, intercaladas por pequenas pausas, as caixeiros prestam louvor ao Divino. Antes do anoitecer, trazendo o grande mastro em um dos barcos, a procissão faz o caminho de volta a São Cristóvão. No porto, depois de recepcionados pelo imperador, imperatriz e mordomo, seguem em direção à pequena igreja, onde a cantoria e o batuque das caixeiros se estendem até a madrugada.

Tudo isso serve apenas de preparação para a verdadeira festa do Divino, que se realiza em novembro, quando novamente o som das caixas se faz ouvir em São Cristóvão. A diferença entre os dois eventos fica por conta da procissão embarcada, a qual só acontece no inverno. Em novembro, a procissão é realizada a pé pelos campos em volta do povoado.

SÃO CRI

Um caldeirão da mais

Por sua história singular, cultura diversificada e aprazível, neste começo do século XXI – como uma das mais impo

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



No lago de Maracaçumé, a procissão do Divino segue puxada por duas embarcações: a de bandeira branca na proa conduz a pombinha e a de bandeira vermelha, a coroa do Espírito Santo.



No povoado de Prequeú, sob o toque das caixeiros, o Divino chega para a visitação.



Os donos da casa visitada recebem as imagens da coroa e da pombinha branca.



Sandra Carmen Re ao lado da caixeira Sabina Sousa Travassos

O Bumba-boi – Uma das coisas que chamou a atenção da antropóloga suíça foi o fato de aproximadamente 80% dos moradores de São Cristóvão possuírem o sobrenome “Sousa”. Tal fato poderia encontrar explicação na justificativa apresentada pela maioria dos estudiosos de comunidades negras. De acordo com estes pesquisadores, os escravos não possuíam sobrenome. Assim, após a abolição da escravidão, ao procurarem os cartórios para obtenção de seus registros, normalmente adotavam o sobrenome de seus antigos proprietários (ou quando não, optavam por nomes de santos, árvores ou animais silvestres). É interessante lembrar aqui que o antigo dono do engenho de São Cristóvão se chamava Mariano Sousa.

Pesquisas à parte, o mais importante é que esta

comunidade soube preservar seus costumes e tradições por mais de um século. O bumba-boi é outro exemplo disso, pois segundo contam os organizadores do “Boi Nossa União”, a brincadeira vem de tempos remotos. Paralisado por alguns anos, o boi ressuruiu com força total sob a liderança do falecido Diomar Leite e há 18 anos vem urrando e fazendo bonito nos terreiros do Maranhão. Em São Luís, apresenta-se há mais de uma década e por sua beleza e hoje rara autenticidade, alcançou o nível do Grupo “A” da Secretaria Estadual de Cultura, colocando-se ao lado de batalhões tradicionais da ilha, como os bois da Maioba e do Maracanã ou dos bois de orquestra de Morros e Arixá.

O atual líder do grupo, Jose Manoel Sousa, o popu-

STÓVÃO

enuína cultura vianense

localização, o povoado de São Cristóvão destaca-se –
ntes e significativas comunidades do município de Viana



A beleza do boi “Nossa União” de São Cristóvão.



Pandeirões, tambores-onça e matracas soam forte no São João de São Cristóvão.



Jovens da própria comunidade tornam-se “índias” no mês de junho.



Caboclos de penas representam outra ala forte do boi “Nossa União”.

lar “Baeco” fala com orgulho do brilho maior de sua comunidade e não é para menos. Composto de 150 brincantes o “Nossa União” traz em suas fileiras o patrão, o amo, pai Francisco, mãe Catirina, cazumbas, índias, caboclos de pena, burrinhas, cacique rolador do boi, carregadeira de santo, bailantes homens, bailantes mulheres e vaqueiros.

Preocupado com o futuro deste caldeirão de cultura,

o Sr. José Soeiro lembra que as novas gerações dos Sousa e dos Leite, “que aumentam cada vez mais com o nascimento de netos e bisnetos”, têm a obrigação de dar continuidade à tradição cultural de São Cristóvão. A julgar pelo esboço da tese da antropóloga Sandra Carmen Re, provavelmente essa não será uma tarefa difícil, pois o modelo de educação infantil observado na comunidade de São Cristóvão induz meninos e meninas a respeitarem os pais e seguirem o exemplo dos mais velhos.

BUMBA-BOI DE FAMA INTERNACIONAL

Em interessante matéria escrita por Sandra Carmen Re para a Revista TSANTSA (Revista da Sociedade Suíça de Etnologia), nº 10, Zurique, 2005 (págs 133-151), fotos em preto e branco do Bumba-boi de São Cristóvão (como as abaixo reproduzidas), clicadas pela própria antropóloga, exibem a beleza plástica do folclore vianense.



João Sousa - Arraial Praia Grande - S. Luís - 27/06/2000



Cazumbás (João e José Teodoro) Arraial do IPEM - S. Luís - 25/06/2000



Meninos vaqueiros - Arraial do IPEM - S. Luís - 25/06/2000

- O texto (em francês) da matéria acima mencionada encontra-se disponível no endereço: <http://site.voila.fr/scarm/tsantsa10.pdf>
- O restante das fotos pode ser visto no site: <http://site.voila.fr/scarm/BUMBA.html>



Descendente de italianos, a suíça Sandra Carmen Re (que morou no povoado de março/1998 a novembro/2000, colhendo subsídios para sua tese de doutorado em Antropologia), com os primos Maurício e Patrícia no colo.

Posse de Benedito Francisco Silva na AVL

Impossibilitado de vir a Viana por problemas de saúde, o jornalista teve sua posse oficializada no Rio de Janeiro

FOTOS: BERNARDO SILVA PAULSEN

A cadeira de nº 26 da AVL já possui titular desde o dia 25 de abril próximo passado, quando, em cerimônia realizada excepcionalmente na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista aposentado Benedito Francisco Silva foi empossado na presença de significativo número de vianenses que prestigiaram o evento.

Realizada no auditório do Sindicato dos Servidores Públicos Federais, à Av. 13 de maio, nº 13 (10º andar), centro do Rio, às 18 horas, a cerimônia foi presidida interinamente pelo acadêmico Heitor Piedade Júnior que contou com a ajuda do também acadêmico Pedro Mendengo Filho, fazendo às vezes de secretário.

Em virtude da idade e da saúde fragilizada que o impossibilitavam de vir a Viana, o veterano jornalista vianense teve sua posse oficializada no Rio de Janeiro, graças à compreensão de todos os membros desta agremiação cultural e principalmente do empenho dos amigos e confrades residentes naquela cidade.

Emocionado, mas tranqüilo, Benedito Francisco Silva fez o discurso de posse exaltando a figura de seu patrono, o padre Constantino Trancoso Vieira, sacerdote vianense que marcou presença na história eclesialística do Maranhão não somente pelos dons de exímio orador, como pelo testemunho de vida cristã e ativo engajamento na política da época.

Após a execução do Hino Vianense (aplaudido entusiasticamente pela assistência), o novo acadêmico foi saudado pelo advogado José Antonio Castro. De maneira simples e objetiva, José Antonio soube realçar a vida de lutas e vitórias desse ex-seminarista que, um dia, deixou o Maranhão em busca da realização profissional na "Cidade Maravilhosa" e que, nesse momento, recebia as homenagens de sua terra distante.

Ao final da cerimônia, enquanto um coquetel era servido aos presentes, Benedito Francisco recebia as congratulações dos parentes e amigos, tendo como fundo musical o Hino da AVL (de autoria do também acadêmico Raimundo José Nunes Mendonça - Seu Nunes).

* * *

Quarto filho do casal Francisco de Sales Silva e Justina da Cunha Silva, Benedito Francisco Silva nasceu em Viana no dia 23 de outubro de 1913. Estudou no Seminário Santo Antônio, em São Luís, onde concluiu o curso superior em Ciências Filosóficas.

Em 1943, migrou para a então Capital Federal, iniciando ali uma trajetória profissional bem-sucedida na área da Comunicação Social. Foi radialista, repórter e até



Compondo a mesa a Sra. Filomena Silva Paulsen (filha do homenageado) e os acadêmicos Estêvão Maya-Maya, Heitor Piedade Júnior (que presidiu a reunião), José Antonio Castro e Pedro Mendengo Filho.



Acompanhado pelos acadêmicos Estêvão Maya-Maya e José Antonio Castro, o jornalista Benedito Francisco Silva faz sua entrada solene no recinto.



Benedito Francisco Silva, quando se preparava para fazer o elogio ao seu patrono, padre Constantino Trancoso Vieira.



José Antonio Castro saudando o novo acadêmico.

assistente de direção artística nas várias rádios em que trabalhou. Em 1956/58 fez o curso de Relações Públicas e Jornalismo, promovido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), o que lhe capacitaria e daria oportunidade de integrar a Assessoria de Imprensa do Ministério da Saúde por cinco anos consecutivos.

Casado com a senhora Margarida Lauleta Silva (falecida no ano passado), pai de uma filha e avô de um neto, Francisco Benedito Silva, aos 94 anos de idade, tornou-se o mais novo imortal vianense.



Parte da colônia vianense, radicada no Rio, que prestigiou o evento (da esquerda para a direita) – de pé: Ademir Vieira Maia, Nonato e Edmilson Cutrim, Alvarino Costa Guimarães (Vavá), Carlos Sérgio Menezes Mendes, Iolete Cutrim, Pedro Mendengo, João Batista Borges Neto (Joãozinho de Rosa Sauaia), Luís Rosa Castro (Camarão), Luís Maia, Virgínia Castro e João Garcia Filho; sentados: Davi Mendonça, José Antonio Castro e Benedito Francisco Silva.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

JOAQUIM DE OLIVEIRA GOMES

Um entusiasta da boa Literatura

Luiz Alexandre Raposo

Joaquim de Oliveira Gomes, 4º e penúltimo filho de Joaquim Cutrim Gomes e Enide de Oliveira Gomes, nasceu em Viana, em 18 de setembro de 1961.

Alfabetizado pela própria mãe, logo foi encaminhado para as mãos das professoras Zeila Cunha Lauletta e Izidorinha Furtado, antes de ingressar na escola oficial, aos oito anos de idade. Em 1969, ingressou no extinto Grupo Escolar São Sebastião, para fazer o antigo primário. Desse período, guarda lembranças carinhosas das professoras Maria Antonia Gomes, Luiza Gomes, Maria Sousa, Ovídia, Marisete e Lucimar Gonçalves. Em 1973 iniciou o ginasial no Ginásio Prof. Antônio Lopes, transferindo-se para o Bandeirantes na 2ª série, onde concluiu o curso em 1976. No secundário, fez o chamado 1º ano básico na Escola Normal N. Senhora da Conceição. Decidido a tornar-se técnico em contabilidade voltou ao Antônio Lopes, a fim de integrar a 1ª turma de concludentes do curso daquela instituição, em 1979.

Em 1982, mudou-se definitiva-

mente para São Luís, tornando-se então funcionário da Secretaria da Educação, oportunidade em que pôde viajar a trabalho e conhecer várias cidades do interior. Em 1996 foi aprovado no vestibular para o curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), con-

cluído três anos depois. Em 2003, defendeu a tese de conclusão do Mestrado em "Teoria Literária" pela Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto (SP).

A opção pelo magistério iniciou-se ainda em Viana, logo após concluir o segundo grau, quando lecionou por curto período a disciplina Língua Portuguesa no Centro Cenequista Prof. Antônio Lopes. Bem mais tarde, já em São Luís, abraçaria definitivamente a profissão ao tornar-se professor de Língua Portuguesa e Literatura no Núcleo de



Cultura Lingüística da UFMA. Atualmente, leciona na rede pública estadual e na Faculdade Atenas Maranhense. Nesta última, exerce conjuntamente as funções de Diretor Acadêmico, de Professor e Coordenador do Curso de Letras e de Professor e Coordenador do Curso de Pós Graduação em Língua Portuguesa e Literatura. Ali também criou o Grupo de Estudos "Boca de Forno", voltado para o estudo da poesia e preside, ainda, a Comissão de Editoração da Faculdade. Na UFMA, é Presidente do Projeto "Prata da Casa".

Joaquim prefaciou os seguintes livros de poesia: *Ergástulo gozo da palavra*, da poetisa maranhense Rosemary Rego e *Necróple*, do poeta Theotônio Fonseca. O poema de sua autoria, *Presente de Meiga*, prefacia o livro de poesias da escritora goia-

na Regina Lúcia de Araújo. Esse mesmo poema foi encenado na Broadway, em meados de 2000, quando a escritora goiana se encontrava em Nova York.

O professor Joaquim tem publicações em revistas especializadas na sua área de atuação, além de outros veículos de natureza poética, destacando-se crônicas e poesias. No caderno especial do jornal *O Estado do Maranhão*, em edição alusiva ao aniversário da cidade de São Luís em 2007, teve publicada a poesia *Tributo a São Luís*, em homenagem à cidade que lhe acolheu. Atualmente, dedica-se à publicação do seu primeiro livro de contos, chamado *Além do Sacoã* que, segundo suas palavras, "é uma forma de homenagear a sua cidade natal de maneira idílica". Como extensão das atividades acadêmicas e como amante da boa literatura, Joaquim participa de eventos ligados à linguagem, proferindo palestras, comunicações e debates.

Joaquim Gomes é membro fundador da Academia Vianense de Letras, ocupando a Cadeira nº 5, cujo patrono é o Monsenhor Manoel Arouche, sobre quem vem reunindo informações para futuras publicações.

RAIMUNDO NOGUEIRA

Talento e sensibilidade a serviço da Música

José Henrique Nogueira
de Carvalho e Leonel Alves
de Carvalho (*)

Filho de Antônio Francisco Nogueira e de Etelvina Rosa Soeiro Nogueira, de tradicionais famílias vianenses, Raimundo João Nogueira nasceu em Viana a 8 de setembro de 1866 (um ano antes da famosa insurreição de escravos), quando a cidade vivia o auge de seu apogeu econômico.

Aos 23 anos, em 30 de novembro de 1889 (quinze dias após a Proclamação da República brasileira), Raimundo Nogueira casou-se com a jovem Leopoldina Rosa de Carvalho e com ela residiu à Rua Coronel Campelo, esquina com a Alterado Nogueira, em casa própria, grande e confortável, de vasto quintal com árvores frutíferas e estrebaria para cavalo-de-sela, privilégio, na época, de pessoas abastadas e de nível social destacado. Do casamento nasceram (todos em Viana) os filhos: Alterado, Messias Augusto, Raimundo Nonato, Maria da Graça, Etelvina, Antônio Francisco, Margarida Sabóia e Benedito.

Raimundo Nogueira foi capitão da Guarda Nacional da Comarca de Viana, título concedido pela 3ª Delegacia da comissão de Organização das Forças de 2ª Linha, do Ministério da Guerra, a cidadãos de ilibada conduta, comprometido com a defesa da Pátria e identificado com os lídimos ideais republicanos e democráticos.

Na vida pública foi Fiscal de Con-

sumo, versão antiga de Fiscal de Tributos federais, do Ministério da Fazenda. Rigoroso cumpridor da Lei e zeloso da função que exercia, jamais, todavia, foi intransigente, quando seu discernimento assim recomendava. No exercício do cargo, viajou pelo Maranhão, do litoral ao sertão, onde angariou amigos graças ao exemplo de lisura e ao respeito que, reciprocamente, o fez respeitado. A 7 de julho de 1930 foi transferido de Viana para a cidade de Cajapió, ficando em seu lugar o agente fiscal Juvenal Bastos.

Mundico Nogueira, como era carinhosamente chamado pelos conterrâneos, fez da bondade e da honestidade a bandeira de seu comportamento, tanto como pacato cidadão quanto na condição de homem público. Viveu para a família e para os concidadãos, amando a arte da música, cujo aprendizado incentivava entre os jovens discípulos. Repleto de sensibilidade de artista que lhe inundava a alma, foi maestro, compositor e músico – um virtuoso ao dedilhar qualquer instrumento de corda de sua época e de seu lugar. Sua memória



se eternizou no enorme volume de composições musicais – eruditas, populares e sacras – por ele produzidas. É de se lamentar que a maioria, pelo menos aparentemente, se tenham perdido. Dasquelas de que se tem notícias, apenas cinco se encontram relacionadas no Inventário do Acervo João Mohana (Partituras, pág. 53, item 142) do Arquivo

Público do Estado do Maranhão. Ali estão catalogadas, sob os números de 1485/95 a 1489/95, as seguintes peças sacras: *Kirie e Pater*; *Tantum Ergo*; *Hino à recepção de Dom Helvécio* e *O Salutaris Hostia* (esta última datada de Viana, 24/6/1911 e composta para vozes – 1º sopranos e tenor; instrumentação – 1º e 2º clarinetes, 1º e 2º violinos e flauta). Fora do estilo sacro, integra o mesmo acervo a *Sinfonia 1º Movimento*. Compôs também a letra e música do *Hino a São Sebastião* e do *Hino a São Tarácio*. Durante anos, encarregou-se dos festejos em louvor a Bom Jesus da Coluna, na Igreja de São Benedito.

O filho primogênito, Alterado No-

gueira, tornar-se-ia comerciante bem-sucedido e destacado vereador, merecendo assim dos dirigentes municipais significativa homenagem póstuma ao atribuírem seu nome à rua que fazia esquina com a antiga residência da família.

Por tudo isso, Mundico Nogueira evoluiu e contribuiu para o engrandecimento da cidade que lhe serviu de berço, destacando-se, entre seus contemporâneos, pelo trabalho em favor da música e do progresso desta terra que tanto amou e irrigou com seu suor.

Raimundo João Nogueira morreu, aos 74 anos, na cidade natal, no mês consagrado a Nossa Senhora, de quem era fervoroso devoto, aos 31 de maio de 1941 (sábado) e, no dia seguinte, foi sepultado no Cemitério 2 de Novembro.

Em justo reconhecimento à sensibilidade, inteligência e trabalho desse homem, a Academia Vianense de Letras o elegeu como patrono da Cadeira de nº 25, cujo titular é Pedrito Frank Marques Nunes (Pedro Mendengo Filho).

(*) Excetuando-se pequenas inserções referentes a fatos históricos relevantes (no intuito de melhor situar o leitor com relação à época vivida pelo biografado), todo o texto acima foi transcrito do livro "Cinco gerações de Raimundo João Nogueira" de autoria dos escritores acima relacionados.

A importância econômica dos insetos

A professora Graça Cutrim apresentará projeto, junto à Câmara Municipal, de inclusão do estudo dos insetos no Ensino Fundamental das escolas da zona rural de Viana

MARIA DA GRAÇA
MENDONÇA CUTRIM

A humanidade defronta-se, atualmente, com um dos maiores desafios de toda sua trajetória pela face da terra: a questão ambiental. Como conciliar o progresso e a qualidade de vida, hoje conquistados, com o respeito e a proteção ao meio ambiente?

Tal questionamento, como é sabido, não fez parte das preocupações de nossos pais e avós, visto que até bem pouco tempo atrás a natureza e seus recursos eram tidos como bens inesgotáveis. Certamente por esse motivo esta e as gerações vindouras tenham de encontrar – urgentemente – uma fórmula para equacionar semelhante problema. Como se costuma dizer nos meios populares: “quem chega por último é quem paga a conta”.

Não é necessário acompanhar o que acontece pelo mundo, via televisão ou internet, para constatar o estrago causado pelo homem no planeta. Aqui mesmo em nossa região podemos perceber (e lamentar) essa triste e alarmante realidade. Os vianenses de minha faixa etária foram testemunhas da fatura de peixes no lago (pescados indistintamente em qualquer época do ano) e da quantidade de aves abatidas (marrecas, jacanãs, japeaçocas, entre outras) que eram vendidas pelas ruas, em feixes, nas tardes de verão. Hoje, o desmatamento desregrado, as queimadas intensivas (que empobreceram sistematicamente o solo), o aumento da população e o visível processo de assoreamento do lago são resultados concretos e locais que não nos permitem duvidar dos efeitos catastróficos da devastação ambiental tão alardeados pelos cientistas do mundo inteiro.

Em função disso, mídia, governos e entidades ambientais instigam cada indivíduo (esteja ele onde estiver) a fazer sua parte pela preservação da natureza. Até mesmo o conceito moderno de cidadania passou a incluir o respeito ao meio ambiente. Em outras palavras, construir e formar um cidadão requer, hoje, o aprendizado de tudo o que engloba uma sadia consciência ambiental. E é nesse sentido que, como professora e profissional da área das ciências agrárias, pretendo sugerir a inclusão no currículo do Ensino Fundamental das escolas municipais, inicialmente da zona rural, do conhecimento

preliminar dos insetos existentes na lavoura vianense e suas principais características.

Por que e como transformar em prática o estudo dos insetos – Considerando-se que a maioria das crianças e adolescentes da zona rural são filhos de pequenos produtores e que convivem diretamente com esses diminutos seres (muitos deles inofensivos e de grande utilidade no contexto agrícola), é importante introduzir o conhecimento preliminar do mundo dos insetos em sala de aula, a fim de que os educandos possam valorizá-los – e quando for o caso – controlá-los, percebendo assim de forma clara sua importância econômica para as áreas agrícola, veterinária ou médica.

Como a Entomologia (ciência que estuda os insetos) é muito vasta, não seria necessário criar-se uma nova disciplina no Ensino Fundamental, mas apenas aproveitar a disciplina “Ciências” já existente na grade curricular, para incluir algumas noções básicas sobre os insetos.

Os professores poderiam receber tais noções, através de um curso de pequena carga horária que poderia ser ministrado por qualquer Engenheiro Agrônomo da Casa da Agricultura Familiar de Viana. Já que a disciplina “Ciências” abrange animais vertebrados e invertebrados, os educadores incluiriam nestes últimos os conhecimentos entomológicos adquiridos, assim como aspectos importantes relacionados ao contexto agrário da zona rural do município.

Levando-se em consideração ainda as doenças causadas por alguns insetos não somente às plantas, mas também aos animais domésticos e ao próprio homem, o estudo contribuiria, com certeza, para a sanidade da região. Aprendendo a distinguir os insetos, o educando aprenderia também a combater aqueles considerados nocivos, provocadores de doenças nos animais superiores e inferiores, bem como exterminar os insetos (pragas) que atacam a agricultura e causam prejuízos econômicos aos produtores.

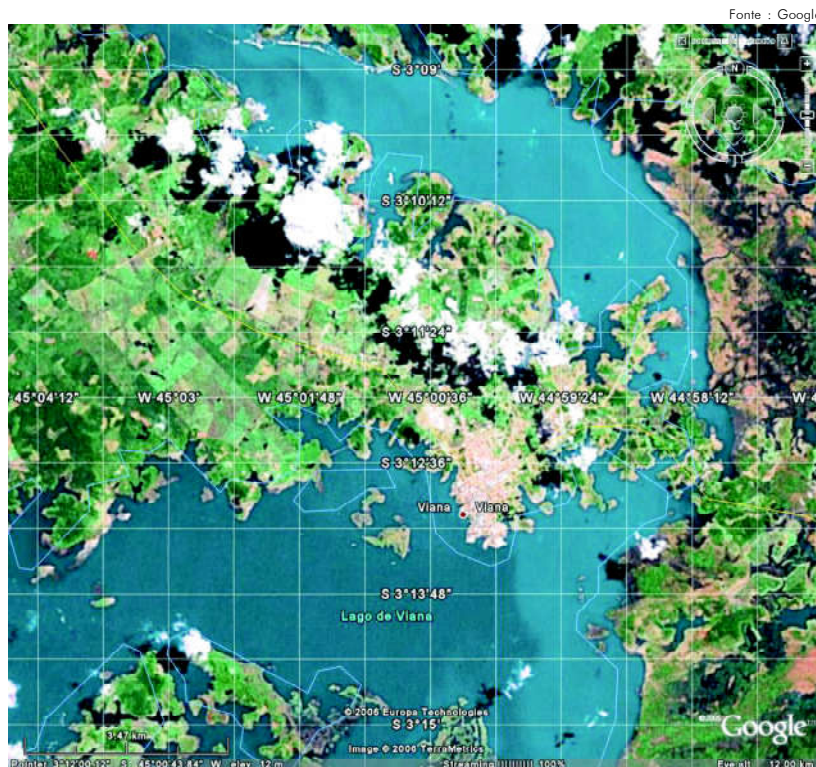
É diante da necessidade e urgência de melhor conhecer a natureza, a fim de que se possa preservá-la (retirando dela o máximo proveito sem, contudo, acarretar agressões irreversíveis ao meio ambiente), que se impõe como objetivo educacional contemplar a realidade local nos conteúdos dos currículos escolares, garantindo-se assim uma práxis pedagógica mais eficiente.



Meninos da zona rural observam folhagem de mandioca, atacada por larvas de pequenas lagartas que depauperam as plantações.



Felizes, as crianças exibem pés de ervilhas saudáveis e livres das pragas.



Península vianense, em foto obtida de satélite, destacando-se o centro urbano de Viana na ponta extrema que avança sobre o lago. Mesmo à grande distância, percebe-se visivelmente os sinais da devastação ambiental causada pela ocupação humana desenfreada

O RENASCEER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000

